REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, moeda forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)	4$000	2$000	-$-	-$-
Extrangeiro (união geral dos correios).	5$000	2$500	-$-	-$-

8.º ANNO—VOLUME VIII—N.º 228

21 DE ABRIL 1885

REDACÇÃO—ATELIER DE GRAVURA—ADMINISTRAÇÃO

LISBOA. L. DO POÇO NOVO, ENTRADA PELA TRAVESSA DO CONVENTO DE JESUS, 4

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos a Francisco Antonio das Mercês, administador da empreza.

CHRONICA OCCIDENTAL

O maior acontecimento de Lisboa continua a ser ainda a *Carmen*, de Bizet.

De nosso tempo nunca vimos em S. Carlos um *successo* tão completo, tão unanime e tão duradouro.

A companhia lyrica da estação de 1884-1885 já se foi toda embora, e a empreza de S. Carlos está tendo enchentes enormes todas as noites, apenas com dois artistas d'essa companhia, dois artistas que durante toda a epocha pouco deram nas vistas e poucas vezes cantaram — a sr.ª Novelli e o sr. Sparapani, e com um tenor escripturado á ultima hora, mas em hora boa, o sr. De Bassini.

E coisa original — a empreza que se fartou de perder dinheiro com uma companhia numerosa e completa, e que só teve enchentes com as *estrellas* Devriés e Sembrich, está ganhando um dinheirão apenas com esses tres artistas.

Está provadissimo assim o grande, o verdadeiro *successo* da *Carmen*, um *successo* que é feito unicamente pela belleza extraordinaria da musica de Bizet, um *successo* que não deve nada a deslumbramentos de *mise en scene*, a apparato de grandes espectaculos.

Todas as noites que o theatro de S. Carlos põe em scena a *Carmen* e agora não põe em scena outras operas, nem pode pôr, porque não tem artistas para ellas, nem quer pôr, porque nenhuma lhe daria mais do que lhe dá a *Carmen*, o theatro enche-se completamente, os camarotes são disputados com antecedencia, na platéa acotovella-se, á porta, grande multidão em pé, como nas noites mais celebres do nosso theatro lyrico, como na despedida da Devriés, ou na estreia da Sembrich.

Registamos com prazer esse *successo* mas não o estranhamos inteiramente nada.

E' assim, e assim é que devia ser.

A opera de Bizet é um regalo estranho para os ouvidos de toda a gente, desde o raro entendedor profundo de musica, até ao espectador adventicio das varandas.

A *Carmen* triumphou em toda a linha e triumphou, porque não são necessarias profundas locubrações, ter perdido annos e annos a estudar musica e a ler criticas para apreciar logo, para conhecer immediatamente, o talento enorme que irradia de cada compasso d'essa partitura deliciosa de Bizet.

E desenganem-se, o verdadeiro talento em toda a parte que está, manifesta-se logo, impõe-se, subjuga. Todo esse grande apparato de *processo*, toda essa preoccupação de sciencia que domina modernamente as artes e as letras, não é uma manifestação de talento, é a sua substituição. Tudo isso é um modo engenhoso, porque no fim de contas ainda illude muita gente, de apparentar o que se não tem, de esconder as deficiencias, e muitas vezes a ausencia completa d'essa coisa que se chama genio, e que vae rareando muito por ahi.

E como o talento, essa faculdade natural, que não se pode adquirir, que não se faz, que não se inventa, vae rareando, aquelles que o não tem e querem abrir caminho para a celebridade inventaram então essas complicações emaranhadas, essas combinações difficeis a que puzeram o nome de processo e que estão ao alcance de todas as intelligencias.

E a grande maioria bateu as palmas, e abraçou, como unica taboa de salvação, essa nova theoria, que abre a todo o mundo as portas da gloria.

Graças a esse tal processo qualquer pessoa, que não seja um idiota, um cretino, tendo vontade e tempo pode fazer um romance, uma peça ou uma opera.

E' uma questão de paciencia e de trabalho com a qual muitas vezes o talento não tem nada que vêr: quantas peças, quantas operas, quantos romances modernos estão ahi a demonstral-o.

A obra d'arte é composta de duas partes distinctas — o *metier* e a inspiração, o talento, a individualidade, como lhe quizerem chamar.

O *metier* aprende-se, o talento tem-se ou não se tem.

D'antes gastava-se muito mais talento que *metier*, hoje como ha muito menos talento para gastar — gasta-se muito mais *metier* que talento.

Não dizemos bem; não ha muito menos talento que d'antes, ha o mesmo talvez, mas o que ha é muito mais gente que queira apparental-o.

E a rasão é simples.

D'antes, ter talento, não era um modo de vida: pelo contrario, a histotia mostra-nos até que muitas vezes era um modo de morte — a morte de fome.

Hoje graças á transformação porque tem passado a sociedade, ter talento ou apparentar que se tem, é uma profissão rendosa.

Os codigos modernos reconhecendo esse grande principio de justiça, de que a propriedade litteraria e a propriedade artistica é uma propriedade como qualquer outra, collocaram a profissão de homem de letras e a profissão de artista ao lado das outras profissões por que se ganha a vida.

No tempo em que os editores não pagavam os livros, em que os theatros não pagavam as peças, em que as emprezas não pagavam as operas, ninguem fazia operas, peças, ou livros senão quando o talento, a vocação irresistivel, esse demonio implacavel da arte, os obrigava a fazel-os.

Quando o homem de letras se sentava á sua banca de trabalho, quando o maestro se sentava ao seu *cravo*, é porque tinha lá dentro do cerebro, já feita e composta, a opera ou o drama, que por força havia de irradiar cá para fóra, como do sol irradia a luz, como da flôr se exhala o perfume.

Transformada em profissão a vida aventureira d'artista e de litterato, as coisas mudaram de figura. O poeta já não faz versos como o passaro canta, porque tem dentro de si a musica; faz versos, muitas vezes porque precisa que um editor lhe dê certa quantia de que necessita para a sua vida. Já lá vae o tempo em que os romancistas

DR. LUIZ JOSÉ BALDY (Segundo uma photographia de Rocchini)

subiam a correr avidos de gloria a casa dos raros editores, com os seus manuscriptos ainda palpitantes de inspiração, a trocal-os por umas miseraveis dezenas de francos ou por uma parca porção d'exemplares.

Hoje em parte nenhuma do mundo, cremos, um romancista vende o seu livro depois de o escrever; um dramaturgo negoceia a sua peça depois d'ella concluida, um maestro trata da sua opera depois de a ter prompta.

Inverteram-se os papeis. As emprezas sollicitam dos auctores as peças, os editores compram os romances antes da primeira linha escripta ou do primeiro capitulo pensado.

D'ahi esse facto novo, que d'antes se não dava nunca: um homem de letras sentar-se á banca para fazer um livro que não sabe ainda nitidamente o que é, mas que tem já vendido é que ha de entregar n'um praso marcado, d'ahi o dramaturgo ter de fazer no praso de tres ou de seis mezes, uma peça em tantos actos e para taes ou taes artistas, como está já tratado com o emprezario do theatro.

Ora, do mesmo modo que a *Carmen*, de Meilhac e Halevy diz do amor, o talento:

est enfant de Bohème
qui n'a jamais connu des lois.

e muitas vezes não se sente disposto a estar ás ordens dos editores e dos emprezarios.

D'ahi a necessidade, a obrigação de produzir, d'ahi a glorificação do processo, do *metier*, que muito menos *grand seigneur* que o talento, que a inspiração, não tem caprichos e está sempre ás ordens de quem tem paciencia para lhe fazer a côrte.

Por outro lado, o grande consumo de livros, de peças e de operas que tem subido consideravelmente d'anno para anno, a multiplicidade de theatros, d'editores, de jornaes, trouxe a necessidade fatal de augmentar enormemente o regimento dos homens de letras e de artistas, a ponto de que nós que sabemos de cór os nomes de todos os poetas e mesmo os menos notaveis, que houve na Grecia, em Roma, durante os largos annos da sua brilhante civilisação, nós que temos na ponta da lingua os nomes de todos os homens de letras da França desde o mais obscuro trovador provinçal até ao mais reles dos encyclopedistas, ficamos surprehendidos todos os dias, no nosso pequenino paiz, com nomes de litteratos, de publicistas, de artistas que quotidianamente nos apparecem de todos os lados, da nossa cidade, do nosso bairro, da nossa freguezia e até mesmo da nossa rua Palavra d'honra que eu, que sou capaz de lhes dizer agora mesmo, sem hesitações, quantos poetas houve na Grecia desde Rhodes até Leucade, ficaria seriamente embaraçado e não lhes responderia sem proceder previamente a profundas indagações se me perguntassem, de repente, quantos homens de letras ha desde a minha rua, a travessa do convento das Bernardas, até á travessa das Izabeis.

Ora por mais boa vontade que tenha o Padre Eterno em obsequiar o mundo, não ha talento que chegue para tanta gente, e por isso como hoje em dia ha necessidade de pennas, como na agricultura ha necessidade de braços, faz-se a vista grossa, não se olha a bagatellas, o que se quer é quem encha papel. E como isso dá dinheiro, porque no fim de contas a gente ainda hoje se queixa de vez em quando, mas o que é verdade é que apesar dos direitos d'auctor serem em Portugal muito mesquinhos, ainda assim, eu, por exemplo, recebi por perpetrar a *Gigante Golias* que cahiu redondamente no theatro da Rua dos Condes, muito mais dinheiro do que Corneille por escrever o *Cid* — e como isso dá dinheiro, diziamos, não falta quem, sem ter nada lá dentro do cerebro a impellil-o, e levado apenas pela necessidade de ganhar o seu vintem, se lance resolutamente na carreira das letras tanto em Portugal, como em França, como em Hespanha, como em todo o mundo em summa.

E mettidos na profissão, esses numerosos homens de letras e artistas, tem que se desempenhar do seu encargo, o mais conscienciosamente que podem, e como não tem talento para dar, nem mesmo muitas vezes para vender, agarram-se então aos *processos*, ao *metier*, ás combinações methodicas de palavras e de notas, a esse mechanismo complicado e trabalhoso, que apparenta uma grande sciencia confusa, que não deslumbra ninguem mas ataranta muita gente, que entontece o publico e a critica, que a maior das vezes percebendo apenas que não percebe nada, e não se atrevendo a censurar aquillo que não entende, cae de joelhos n'uma adoração respeitosa diante d'aquillo que não comprehende, como ainda hoje o selvagem cae de joelhos, subjugado, quando ouve o estampido medonho do trovão, que não sabe o que vem a ser.

E tudo isto a proposito da *Carmen*, de Bizet. Vejam lá se eu não estou exemplificando magistralmente o que digo!

Mas é que realmente do abuso da admiração postiça e convencional pelo inintelligivel na arte e nas letras é que vem o grande *successo* da *Carmen*.

Finalmente, defronte d'essa opera a gente acha-se em paiz conhecido. Percebe-se logo, á primeira vista que está alli a manifestação brilhante d'um grande talento real, sem necessidade de passar longas horas, longos dias, longos mezes, á procura d'esse talento. A gente ouve aquella opera e gosta logo d'ella, como gosta logo *au premier abord* d'uma tragedia de Shakspeare, d'um quadro de Raphael, d'uma comedia de Beaumarchais, d'uma estatua de Miguel Angelo, d'um soneto de Camões ou d'uma opera de Meyerbeer.

É esse o segredo da *Carmen*, o mesmo e grande segredo de todas as obras primas musicaes, litterarias e artisticas, sem distincção de escola — o talento.

Ás horas em que acabamos de escrever esta chronica representa-se em D. Maria a *Denise*, de Dumas filho, e discute-se na cidade a reforma municipal de Lisboa do sr. Barjona de Freitas.

Logo que tenhamos visto aquella e estudado esta, falaremos d'ellas largamente: tudo nos leva a crêr porem que falaremos primeiro da *Denise*.

Gervasio Lobato.

O DOUTOR BALDY

I

Ha coisa de vinte annos uma doença qualquer, que não punha em perigo os meus dias mas que os massava immenso, teve a deploravel idéa de vir visitar-me.

Tratei logo de a pôr fóra com todo o ardor de uns quinze annos que não querem ser encommodados com achaques: — tratei, mas não puz.

Corri muitos medicos distinctos, bati a muitas portas, ouvi muitas opiniões, consultei todos os systemas, fartei-me de tomar remedios.

Durou cinco annos, nem mais nem menos, essa minha peregrinação pelos consultorios e pelas boticas de Lisboa; o tempo passava, passava-me a paciencia, passava-me a esperança de me ver bom, passava tudo menos a doença.

Um bello dia encontrei-me n'uma casa com o dr. Baldy.

Nunca o tinha consultado e por isso aproveitei logo o ensejo com um afan massador e ás primeiras palavras que trocámos transformei immediatamente a apresentação n'uma consulta.

— Tenho muito prazer em o conhecer e uma doença ha cinco annos.

— Estimo muito fazer o seu conhecimento e faça este remedio tres vezes ao dia.

Resume-se n'isto a nossa primeira entrevista.

Fiz o remedio, e com grande surpreza minha achei-me melhor no dia immediato; com um espanto enorme, que só teve de maior a alegria, no fim de tres dias achei-me completamente bom.

Se o remedio receitado pelo dr. Baldy tivesse sido agua de Lourdes, ficaria acreditando piamente em milagres: se tivesse sido um remedio que outros me tivessem já receitado e eu tomado, ficaria acreditando simplesmente nos caprichos do acaso; como o remedio era um remedio inteiramente novo para mim, em que ninguem me falára durante os cinco annos das minhas peregrinações pelos consultorios, fiquei acreditando enthusiasticamente no medico.

E d'ahi por deante não jurei mais em medicina senão pelo dr. Baldy, e para mim começou a não haver medico como elle.

Isto foi ha quinze annos: e hoje essa convicção profunda tem já outra companheira — é que se não ha medico como elle, não ha como elle outro homem.

*
* *

Durante esses quinze annos o medico transformou-se para mim n'um amigo intimo. A sua sciencia conheci-lh'a logo que o vi pelo rapido exame de dez minutos, se tanto, acertar o tratamento de uma doença, que durante cinco annos eu tratára sem curar: o seu coração conheci-lh'o quando junto do leito onde meu pobre pae agonisava o vi chorar como uma creança ao dar-lhe a ultima colher de caldo.

Essas lagrimas alli choradas prenderam-me para sempre a esse grande medico, a esse excellente homem pelo sentimento mais santo que ha na alma humana — a gratidão.

Esse homem que partilhou da minha enorme dôr, que chorou comigo junto do cadaver de meu pae, ficou sendo para mim um idolo: quatro annos depois ficou sendo para mim um Deus, arrancava á morte que pairava já sinistra e ameaçadora sobre ella, uma filha minha, a minha adorada Sarah, que hoje alegre, forte, cheia de vida e de mocidade, deve á sciencia potente d'esse illustre medico, á dedicação sobrehumana d'esse santo homem, a vida e a saude.

Foi ha pouco tempo ainda. Lembro-me bem da data: foi no dia 28 de julho. Eu voltava á noite a casa depois de ter passado o dia alegremente com Raphael Bordallo e Guilherme da Silveira: á porta recebi logo a noticia de que a Sarah estava doente.

Chamado immediatamente o dr. Baldy começou a tratal-a com esse interesse enorme e com essa sciencia profunda que tem dado vida a tanta gente. A pequena melhorou, e d'alli a dias o dr. Baldy partiu para a sua estação thermal das Caldas; a Sarah entrava em convalescença.

Mas a doença traiçoeira espreitava a ausencia do medico. O dr. Baldy a partir e a minha filha a recahir. Começaram as hesitações: a creança melhorava um dia para peorar no outro; nós corriamos com ella da cidade para o campo, do campo para a cidade, julgando que o mal que ella tinha era apenas uma convalescença demorada, restos da doença que passára, e era uma doença nova, uma doença terrivel, a bronchite funda, que se aggravava dia a dia, que esses passeios peoravam, que ia lentamente descendo os bronchios, invadindo os pulmões.

Quando no fim d'um mez o dr. Baldy voltou das Caldas, levei-lhe immediatamente minha filha.

Elle apenas a viu de longe, sem a auscultar, sem a examinar, disse-me logo aterrado:

— O que é isso? A pequena está muito mal: tem uma bronchite capilar.

A vista varreu-se n'um momento. Sabia a pequena doente, mas não suspeitava o mais ligeiro perigo. E a bronchite capilar matára-me um filho de dois mezes, matára-me minha pobre e santa mãe...

Elle examinou a Sarah minuciosamente, fez logo o seu plano d'ataque á doença, que estava já adeantadissima: explicou-me minuciosamente o seu receituario, explicou-m'o muitas vezes, porque eu completamente idiota pelo terror, não comprehendia nada do que elle me dizia.

Mais morto que vivo fui com a minha querida filha para casa, cheio de presentimentos negros, padecendo como nunca imaginei que se pudesse padecer n'este mundo...

O tratamento começou a fazer-se logo em fórma. O dr. Baldy porém, viera das Caldas doente, não podia ir ver minha filha tantas vezes ao dia como desejava e como era necessario. Tive a boa fortuna de encontrar junto de minha casa um medico novo, mas que é já tambem uma capacidade medica, o dr. Daniel de Lima, que juntamente com o dr. Baldy se encarregou do tratamento de minha filha. Iam ambos vel-a todos os dias, a horas desencontradas, e qualquer pequena alteração que havia na marcha da doença, era logo examinada por um dos dois medicos. Á sciencia e á dedicação d'ambos, depois de Deus, devi ao cabo de oito dias ver minha filha um quasi nada melhor.

O perigo subsistia ainda, grave, enorme, ameaçador: mas podia-se já ter alguma pequena esperança.

O dr. Baldy aproveitou então o ensejo para tirar a doente do sitio onde estava, que não tinha condições hygienicas favoraveis á cura demorada e melindrosa...

E o dr. Baldy levou-nos a todos para sua casa.

Ahi n'essa casa situada no local mais sadio da cidade, com um bello ar, e com todas as condições que a hygiene moderna recommenda, começou então um tratamento feito com um disvelo, com uma tenacidade, com uma dedicação, como creio que poucas doenças terão sido tratadas.

O dr. Baldy via a doente dez e onze vezes ao dia: passava horas e horas junto d'ella para a fazer tomar os remedios, para observar o effeito d'esses remedios.

Acompanhava passo a passo a marcha da doença: era elle quem lhe curava por suas mãos os causticos, quem lhe ministrava os remedios, quem lhe dava a comida, que mandava fazer ao seu cosinheiro, aproveitando os pequeninos caprichos que tinha o enorme fastio da doente...

E assim graças a essa dedicação excepcional — que eu julgava de ha muito fugida do mundo, e apenas existente nos romance sentimentaes — a minha pequena filha foi melhorando, melhorando, e o perigo quasi a desapparecer...

Quando nós todos estavamos felicissimos, quando o dr. Baldy andava cheio de contentamento veiu a recahida.

A doença voltou ao principio, peor ainda porque encontrava aquelle pequenino organismo, debilitado, anniquilado, por tres mezes de lucta...

N'uma noite, de repente, a Sarah appareceu com 41 graus de febre.

O desanimo foi enorme, o terror medonho.

O dr. Baldy entristeceu como se se tratasse d'uma filha sua. Mas lançou-se violentamente á lucta. Não o animavam grandes esperanças, mas dominava-o uma vontade poderosa.

Foi um combate terrivel, durante longos dias e longas noites. A doença resistia tenazmente, mas encontrou resistencia maior ainda na sciencia enorme no medico, na sua longa pratica d'essas batalhas, na sua dedicação prodigiosa, e começou a recuar... A natureza principiou a estar do nosso lado, e finalmente a saude voltou, a vida, a alegria, e a felicidade.

E no dia em que o dr. Baldy me disse com um contentamento indiscreptivel, um contentamento em que se espelhava a sua grande e bella alma:

— A Sarah está livre de perigo: eu lancei-me nos seus braços, e chorei, chorei de prazer, chorei de ventura, chorei — contradicção extranha! — porque nunca nos meus trinta e cinco annos de vida, tive um momento de felicidade egual, de felicidade como nunca imaginei que se podesse ter n'este mundo...

E por isso d'esse dia para cá fiquei adorando o dr. Baldy, como se adora um pae.

Porque realmente devo-lhe mais que a meu pae.

A meu pae devo a minha vida, e elle devo-lhe a vida de minha filha!

* * *

Eu sei que estou muito longe das praxes seguidas nas biographias: sei que me póde dizer, quem lêr isto friamente: mas o que temos nós com a sua vida?

Tem muita razão, isto é um desabafo piégas talvez: mas que me lance a primeira pedra, aquelle pae que tenha sido tão feliz que nunca tenha visto uma filha quasi a fugir-lhe dos braços para a cova...

E agora vamos á biographia do dr. Baldy, á biographia do dr. Baldy que não é facil de fazer quanto a datas, porque esse illustre medico é por natureza tão avesso a vaidades, que nunca me atreveria a pedir-lhe apontamentos, e que as notas que tenho foram colhidas de passagem, quasi que com abuso de confiança, como o retrato que me foi dado pessoalmente a mim e não ao Occidente; á biographia do dr. Baldy que emquanto a factos se póde synthetisar nos que acabamos de referir — uma sciencia profunda e uma dedicação excepcional — um grande medico e um grande caracter.

(Continúa) *Gervasio Lobato.*

CARMEN

OPERA EM 4 ACTOS

POEMA DE

Henri Meilhac e Halevy

MUSICA DE

GEORGES BIZET

O Occidente tem-se já referido largamente nas suas chronicas á formosa opera de Bizet, que está tendo enorme successo em S. Carlos.

Esse *successo* extraordinario no nosso mundo lyrico seria motivo bastante para que o Occidente dedicasse uma pagina especial á *Carmen*, que se tornou um acontecimento em Lisboa, se não fosse do seu uso occupar-se especialmente das operas d'*obligo*, que o theatro de S. Carlos dá todos os annos.

A *Carmen*, opera comica em 4 actos, do maestro Bizet, que a morte roubou prematuramente á França, é feita sobre um poemo tirado por Meilhac e Halevy da dramatica novella de Prosper Merimée, do mesmo titulo.

Representada pela primeira vez em Paris, na Opera Comique, tendo por principaes interpretes a Galli Marié, M.elle Chapuy, M.elle Ducasse, o tenor Lherie e o barytono Bouhy, a *Carmen* agradou logo muito á grande massa do publico, mas foi recebida com certa frieza pela critica, e pelos *diletanti* de musica, que acharam a partitura banal e o poema fraco.

A opera de Bizet tinha porém, por si, essa coisa poderosa e rara que vence sempre; o talento! e, dentro em breve, a *Carmen* obrigou a critica a reconsiderar, a retirar a sua opinião, e glorificar a opera de Bizet como uma das mais formosas obras primas da França musical contemporanea.

Todos os theatros lyricos do mundo abriram as suas portas á opera comica de Bizet, que, transformada em opera lyrica, passou a figurar á frente do reportorio de todos os grandes theatros da Europa.

A Empreza de S. Carlos teve bom gosto e prestou a Lisboa o grande serviço de lhe apresentar este anno a afamada e bella opera, que tinha já em todos os centros lyricos de primeira ordem uma tradicção gloriosa.

A *Carmen* foi posta em scena, e o *successo* enorme que teve, sanccionou a opinião geral a respeito da opera de Bizet.

A *Carmen* foi um triumpho completo, um *successo* de applausos, um *successo* de dinheiro, e hoje crêmos nao ha ninguem que não tenha ouvido a *Carmen*, e as enchentes repetem-se todas as noites, porque a opera é tão deliciosa, que quem a ouvir uma vez, quer ouvil-a todas as vezes que ella se cante

Os principaes papeis da *Carmen* foram encumbidos em Lisboa aos seguintes artistas:

Carmen	Novel i.
Micaëla	More li.
Frasquita	Mantelli.
Don José	De Bassini.
Escamillo	Sparapani.

A sr.ª Novelli alcançou n'esta opera o seu maior triumpho em Lisboa. Que a formosa cantora possuia uma das mais frescas e bem timbradas vozes de contralto que se tem ouvido em S. Carlos, toda a gente o sabia desde que a ouviu cantar o *Hamlet* e *Trovador*. O que se ignorava, porém, é que ella tinha tambem o gentil talento de comediante, de que deu prova brilhante na execução da opera de Bizet, apresentando-nos uma Carmen, que se não é precisamente a bohemia de Merimée, é uma figura graciosa e encantadora que fascina os olhos, como a musica de Bizet fascina os ouvidos.

O tenor De Bassini canta magistralmente a parte de Don José, dá-lhe um bello tom dramatico, e logo na primeira noite, e nas primeiras scenas teve um *successo* apesar da sua voz ser pouco agradavel, sobretudo nas notas medias.

As sr.as Mantelli e Morelli, e o Sparapani representam e cantam com muita felicidade os seus papeis, e esse bello *ensemble*, junto á maneira como a opera está ensaiada, e posta em scena, e a belleza do scenario pintado pelo sr. Manini, fizeram á magnifica partitura de Bizet um exito completo e extraordinario.

Os trechos mais notaveis da *Carmen*, muitos d'elles quasi sempre bisados são no 1.º acto: a marcha e côro dos garotos, a explendida habanera que Novelli canta primorosamente, o *duo* de Don José e Micaëla, a canção de Carmen, quando é presa, a seguidilha e *duo* com o tenor.

No 2.º acto, a canção bohemia, os *couplets* do toreador, o quinteto, a canção de Don José, e o *duo* com Carmen.

No 3.º acto o *trio* das cartas, a aria de Micaëla, o *duo* de Don José e Escamillo.

No 4.º acto o preludio do acto, a marcha e côro dos toureiros, e o *duo* final d'uma grande intensidade dramatica.

As scenas, que reproduzimos hoje pela gravura, são: uma praça de Sevilha, com uma ponte ao fundo, e á direita a fachada da fabrica de tabacos: a taberna de Lillas Pastia: umas montanhas pittorescas, e um largo de Sevilha tendo ao fundo a praça dos touros.

Estas scenas são pintadas com o talento delicado de Manini que o publico de Lisboa tanto aprecia e applaude.

Os *costumes* da Carmen são d'um pittoresco encantador, sobretudo os *costumes* de bohemia no 2.º acto, de contrabandista no 3.º, e de *maja* no 4.º

AS NOSSAS GRAVURAS

A CONFERENCIA DE BERLIM

Os delegados portuguezes

A paginas 10 e 12 do presente volume démos conhecimento aos nossos leitores, da conferencia de Berlim e da proposta apresentada para o livre commercio do Congo. Depois da nossa *Resenha Noticiosa* a paginas 55 démos noticia do resultado final da conferencia, e por isso, hoje, apenas nos limitaremos a completar a historia d'esse acontecimento importante em que figuraram as primeiras nações, publicando os retratos dos representantes portuguezes, que tomaram parte na conferencia e que, diga-se, em sua honra e do paiz, empregaram os seus bons officios junto da conferencia para que Portugal sahisse honrosamente do pleito moral que alli se travou, em que a intriga e a calumnia contra a nação, esteve por vezes a ponto de triumphar, o que importava para Portugal um grande desaire e um não inferior prejuizo moral e material.

O Occidente já por mais vezes se tem occupado de dois dos representantes na referida conferencia, os srs. Antonio de Serpa Pimentel e Luciano Cordeiro, quando os acontecimentos assim o teem exigido; do sr. marquez de Penafiel é a primeira vez que o Occidente honra as suas paginas com o seu retrato.

O sr. marquez de Penafiel é um diplomata respeitavel, que ha tres annos representa Portugal na côrte de Berlim.

De origem brazileira foi ha muitos annos naturalizado portuguez por occasião do seu casamento com a filha unica do conde de Penafiel, sendo pouco depois nomeado par do reino.

Todos se lembram em Lisboa das brilhantes festas dos marquezes de Penafiel, festas que fizeram época e que são recordadas com saudade pela aristocracia portugueza.

O sr. marquez de Penafiel reune a uma grande illustração uma educação esmerada, que lhe fórma um caracter sympathico e estimavel.

Na sua qualidade de ministro de Portugal em Berlim, tomou parte activa nos trabalhos da conferencia e foi elle que assignou, por parte de Portugal, a convenção de limites portuguezes no Congo, tratada por intervenção da França com a Associação Internacional Africana, ao qual já nos referimos a pag 56.

Para melhor comprehensão dos limites d'esta convenção assim como dos limites do livre commercio da bacia do Congo publicamos a pag. 96 o traçado d'esses limites comprehendidos na grande região do Congo cortada pelo rio Zaire.

O sr. Antonio de Serpa Pimentel foi nomeado pelo governo portuguez como delegado especial á conferencia, onde os seus vastos conhecimentos e pratica de estadista, reclamavam a sua assistencia.

Já por mais vezes o sr. Serpa Pimentel tem desempenhado honrosas commissões diplomaticas, que não veem para aqui referirem-se, assim como tem gerido a pasta da fazenda e dos extrangeiros, formando parte do ministerio regenerador.

A sua capacidade e longa pratica dos negocios publicos eram uma garantia para a difficil commissão que lhe era confiada, e foi sem duvida este illustre diplomata que mais concorreu para a defeza dos direitos de Portugal na conferencia de Berlim.

O sr. Luciano Cordeiro tambem fez parte da delegação portugueza á conferencia e a escolha foi acertada, porque, conhecedor dos assumptos africanos a que tem dedicado uma boa parte dos seus estudos e da sua grande actividade, estava habilitado a illucidar a questão que ora se ventilava, combatendo as intrigas e falsidades que se produziam em volta da conferencia e em detrimento de Portugal.

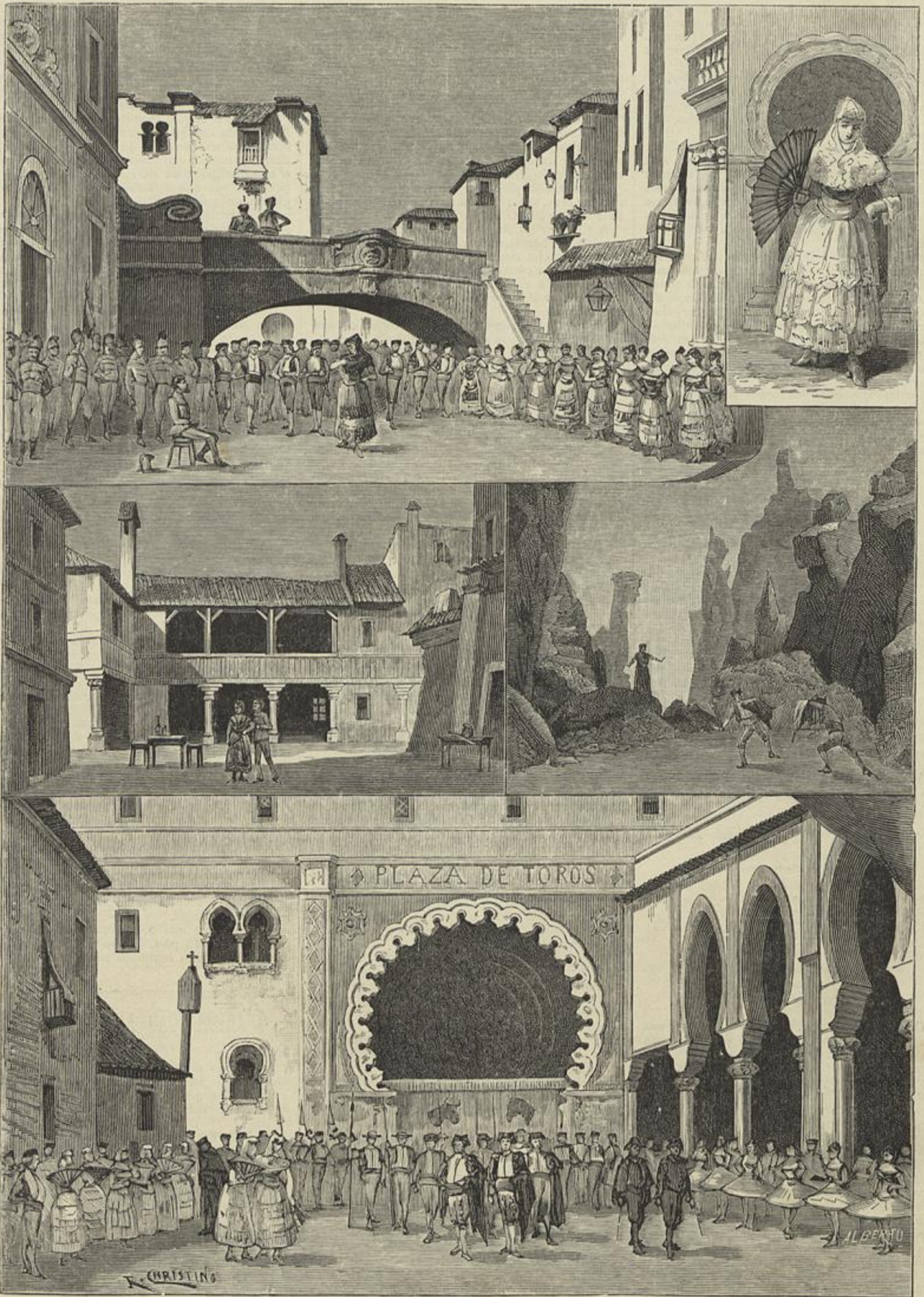
Aos serviços que o sr. Luciano Cordeiro tem prestado ao seu paiz, juntou mais este, que decerto é dos mais honrosos e que mais o enobrecem.

O ACTOR JOÃO ANASTACIO ROSA

(Continuado do n.º 227)

Depois do seu regresso de Paris, Rosa esteve muito tempo sem apparecer no theatro, por umas intrigas quaesquer de bastidor, que tem a especialidade do genero, intrigas que não sabemos quaes foram.

Andrade Ferreira cuja excellente biographia do velho Rosa temos acompanhado passo a passo n'este periodo da vida do grande actor, desconhecida completamente de nós que n'esse tempo ainda andavamos quasi que envoltos nas celebres *faxas infantis*, que por esse tempo tambem tanta figura faziam na rhetorica do estylo aprimorado, Andrade Ferreira, referindo-se á demorada reapparição do Rosa, diz n'um parenthesis, «e vá a culpa d'isso a quem a merece, que não a elle, que para logo empregou todas as diligencias, afim de se apresentar e provar que não tinha sido debalde que se dera aos incommodos d'uma viagem»

Não sabemos quem é que merecia as culpas d'isso e se as merecia, o que sabemos porém, é

REAL THEATRO DE S. CARLOS — CARMEN, OPERA DE BIZET, SCENAS PINTADAS POR L. MANINI (Desenho de J. Christino)

que são vulgarissimas, são o pão nosso de cada dia em theatro, estas questões, estas dessidencias, e estes partidos.

Além d'isso Rosa tinha um grande talento real, uma razão fortissima para ter inimigos, e por sua parte era tambem caturra, caprichoso, como no fim de contas quasi todos os artistas que teem grande talento, o que se lhe pode perdoar de bom grado, e ainda com certa gratidão.

As questões de Rosa pae no theatro de D. Maria com a Emilia das Neves aos ensaios, são legendarias nas chronicas dos bastidores, e chegaram mesmo a fazer baixar do ministerio do reino uma portaria especial.

O principio da discordia vinha sempre da marcação. Emilia das Neves queria em todas as situações o logar proeminente para dominar a scena, uma vaidade ingenua de artista, que no fim de tudo chegava a ser modestia, porque para dominar a scena não precisava da marcação, tinha o seu enorme talento, um dos talentos mais poderosos que irradiaram no nosso theatro; o Rosa marcava as peças e, não se importando justamente com as reclamações da artista, destinava ao personagem o logar que na scena lhe devia competir. D'ahi, polemicas renhidas, discussões violentas, ralhos escandalosos, que tornaram necessaria a intervenção da portaria official: «Sua Magestade El-Rei, a quem constou que nos ensaios do theatro de D. Maria, etc., etc. Ha por bem...»

CONFERENCIA DE BERLIM

Marquez de Penafiel, ministro de Portugal em Berlim

Conselheiro Antonio de Serpa Pimentel,
delegado especial do governo portuguez
á conferencia

Luciano Cordeiro,
delegado do governo portuguez
á conferencia

Fosse porem como fosse e porque fosse, merecesse quem merecesse as culpas, o que se sabe é que Rosa pae, de volta de Paris, esteve bastante tempo affastado da scena e que quando reappareceu foi na *reprise* do *Primo e Relicario*, retomando o seu papel de D. Thadeu.

Entretanto, apesar do papel ter já sido feito muitas vezes por João Rosa, a critica notou-lhe n'essa *reprise* sensiveis progressos, notavel transformação na sua maneira de representar.

Essa transformação mais se accentuou brilhantemente nas criações novas que fez depois. Entre essas criações apparece em primeiro logar o Carnioli da *Dalila*, em que Rosa era extraordinario, segundo todos nol-o dizem; o Desgenais das *Mulheres de Marmore*; o Dr. Athayde do *Cego*, o *Maestro Favilla*, e finalmente o *Marquez de la Seiglière*, que, segundo a opinião dos mais illustres criticos do tempo, é uma das criações mais brilhantes e completas do theatro portuguez moderno.

Esse trabalho notabilissimo ainda nós chegámos a ver, mas já quando o grande actor estava alquebrado pela doença e pela idade e retirado da vida activa do theatro. Vimol-o fazer o *Marquez de la Seiglière* no theatro do Principe Real, sendo o galan da peça representado magistralmente por seu filho João, já grande actor, e por Lucinda Simões, essa excepcional actriz que o publico de Lisboa deixa andar lá pelo Brazil a conquistar a gloria e os triumphos, que elle devia ser o primeiro a conferir-lhe enthusiasmado.

O Rosa pae tinha já suas hesitações de vez em quando, a decadencia fatal do artista denunciava-se muito rapidamente aqui e alli, mas a composição geral do personagem era magistral, a li-

nha aristocratica do velho marquez desenhava-se com uma nitidez primorosa, e o velho Rosa parecia realmente o velho La Seiglière, arrancado das paginas perfumadas do romance de Sandeau para vir alli viver umas poucas de horas, n'aquelle palco celebre pelas glorias triumphantes do nosso grande Santos, do grande Rossi, e da grande Pezzana.

E Rosa, como todos os grandes artistas, como os verdadeiros comediantes de raça, não tinha só um genero, abraçava com o mesmo enorme talento os generos mais oppostos, desde o alto drama até á farça, desde o *Alfageme de Santarem* até ao *Morgado de Fafe*.

(Continúa) *G. L.*

O Dr. Francisco Antonio Pinto E as suas conferencias sobre o Zaire

(Concluido do n.º 227)

Estamos na quinta e ultima conferencia do sr. dr. Pinto, na qual o conferente principiou por apresentar a sua opinião sobre o modo de administrar e occupar os territorios de que foi confirmada a posse para Portugal, na conferencia de Berlim.

O sr. dr. Pinto entende que esses territorios deverão formar um novo districto da provincia de Angola, que ficará assim com quatro districtos, o de Benguella, Loanda, Mossamedes e o do novo do Congo.

O novo districto deverá ter por capital, Cabinda, que offerece um bello porto de mar, e dividido por concelhos; um em Landana, denominado concelho de Cacongo; outro nas margens do Zaire com este nome; um terceiro em Ambrizete, e o quarto em S. Salvador do Congo.

Faz varias considerações sobre a administração judicial e sobre a posição dos juizes em Africa, das quaes conclue que são extremamente exiguos os onerarios d'estes funccionarios e muitas as difficuldades com que tem de luctar para sustentarem o prestigio da justiça e a sua necessaria independencia.

Refere-se tambem ao quasi exclusivismo dos governos das nossas possessões serem só confiados a governadores militares, demonstrando alguns inconvenientes d'esta preferencia.

Não duvidamos que os governos militares tenham inconvenientes; todas as cousas tem prós e tem contras, mas entretanto parece-nos que a preferencia do governo central, em nomeiar militares para governadores das possessões portuguezas, tem a sua razão principal na falta de habilitações convenientes em outras classes para desempenharem estas funcções; pelo menos cremos que tem sido isto que mais tem influido na escolha de militares para governadores, e porque são os militares que mais facilmente acceitam estas commissões.

E' de esperar, porém, que de futuro se modifique um pouco a pratica seguida, e que outros funccionarios se prestem a desempenhar este serviço, quando abundarem com as habilitações requeridas.

E' isto o que nos parece rasoavel, sem paixão nem parcialidade.

Passando á legislação judicial, diz o sr. dr. Pinto que é mistér reformal-a em harmonia com os costumes indigenas, para que ella possa influir no espirito d'aquelles povos, e castigar os criminosos.

Dada a natural indolencia do preto e a nenhuma ou pouca idéa de liberdade que elle tem, é claro que a pena de prisão a não toma por castigo, e, ao contrario, lhe apraz o ter casa e comida sem trabalhar, não lhe importando nada o estar privado de saír.

Isto é perfeitamente verdadeiro e observado todas as vezes que os presos, tendo cumprido a sentença, e mandando-os saír da cadeia, elles se recusam a deixar a prisão, onde se consideravam felizes.

O unico meio que ha para castigar o preto, é obrigal-o a trabalhar com assiduidade; n'isto se parece o preto extraordinariamente com os fadistas de cá, para os quaes o castigo que elles temeriam seria obrigal-os a trabalhar com regularidade e em officinas penitenciarias.

Estamos certos que com este systema muito se conseguiria dos pretos em Africa e dos fadistas em Lisboa. Uns e outros se regenerariam pelo trabalho, tornando-se homens uteis á sociedade.

Os crimes em Africa tambem são difficeis de castigar pelo codigo portuguez, porque alguns d'elles, como o adulterio, o furto, a bygamia, e alguns outros, que entre nós são crimes de primeira ordem, entre os pretos não podem ser assim considerados, porque os costumes e as suas leis gentilicas os não consideram crimes, nem os punem.

E' preciso, pois, que as leis acompanhem os costumes, e se vão modificando á proporção que esses costumes se modificarem tambem.

O primeiro trabalho a emprehender para essa regeneração moral, é a escola. A escola dessiminada por toda a parte, companheira inseparavel das missões religiosas, porque são estes dois elementos os principaes motores da civilisação.

Conseguindo-se educar o preto, está dado o grande passo para a sua civilisação, e o preto será um cidadão que partilhará da communhão geral, entrando na comprehensão dos seus deveres e dos seus direitos.

Só pelas missões catholicas que moralisem os costumes, e pela escola primaria que lance as primeiras luzes da instrucção, se poderá obter a grande transformação que é mister operar em Africa.

Se ella assim como está já offerece grandes elementos de exploração commercial, muitos mais ella offerecerá, quando civilisada convenientemente.

D'aqui até que essa civilisação seja um facto consumado, vae ainda muito tempo, e durante elle muito ha a trabalhar e a aproveitar.

A emigração para alli póde concorrer extraordinariamente para apressar a civilisação africana, e Portugal poderá ainda orgulhar-se de fundar um segundo imperio como o da America.

C. A.

CASTILHO

(Continuado do n.º 227)

V

Interrompida e suspensa esta publicação, teve Castilho que soffrer a maior dôr que póde ferir um coração sensivel.

Seu irmão Augusto, o digno sacerdote que lhe tinha servido sempre de esteio á vida atribulada, começára, havia algum tempo, a sentir em si os germens de uma fatal doença. Os symptomas tinham-se-lhe agravado e a medicina aconselhara-o a procurar nos ares temperados da formosa ilha da Madeira allivio e remedio á sua alterada saude. Era tarde.

Antonio Castilho partiu no meiado de 1840 para a Madeira em companhia de seu irmão; triste companhia! O cego não podia dar o que não tinha! Para retrahir aquella vida da borda do abysmo, onde estava prestes a despenhar-se, não bastava a amizade, a dedicação, o fervor d'alma: era mister a omnipotencia, e essa, se existe, não é na terra.

Augusto Castilho succumbiu no dia 31 de dezembro d'esse anno, deixando o irmão immerso em dôr profunda. Algum tempo depois voltava este a Lisboa, trazendo em seu coração mais um espinho e em sua alma um vacuo, impossivel de prehencher.

A sua natureza, porém, era forte, e em breve eil-o envolvido em novas tentativas litterarias.

Havia uma sociedade benemerita fundado em 1837 um periodico litterario, *O Panorama*, de que foi principal redactor A. Herculano. Esse periodico é ainda hoje um modelo. Castilho teve a idéa de fundar outro, seguindo as mesmas tendencias, embora de indole um pouco diversa. D'aqui sahiu a *Revista Universal Lisbonense*. Durante quatro annos Castilho dirigiu a notavel publicação, que tantos serviços prestou ás lettras patrias, e tanto serviu para derramar, como o *Panorama*, em uma nação que sahia de um regimen de obscurantismo e opressão, o verdadeiro balsamo da instrucção, luz do espirito e força da civilisação.

Em 17 de junho de 1845 despede-se d'esta sua filha querida, e o seu espirito, sempre inquieto e emprehendedor, enceta uma nova tentativa, a *Livraria classica portugueza*, em collaboração com seu irmão José.

Essa collecção de livrinhos, muito util, para difundir entre todos o gosto pela boa linguagem portugueza, obedeceu a um plano. Reconhecendo que a grande maioria dos homens, ainda os que se dedicam ás lettras, nao liam os bons livros portuguezes, uns por difficeis de encontrar, outros pela falta de atracção da sua materia, resolveu fazer excerptos dos melhores, escolher d'entre as suas preciosidades os trechos mais atrahentes e de melhor composição, para contrabalançar com elles a influencia perniciosissima da quasi exclusiva leitura de livros francezes, hoje, peior ainda que então.

D'aqui, os excerptos de Garcia de Rezende, do padre Manuel Bernardes, de Fernão Mendes Pinto, de Bocage, precedidos de alguns estudos biographico-criticos. Pertencem-lhe a bella biographia do padre Bernardes e a de Garcia de Rezende; de seu irmão José são as restantes, distinguindo-se muito pela sua curiosidade a de Fernão Mendes.

Ou o favor publico não correspondeu perfeitamente á tentativa, ou a inconstancia natural d'estes trabalhadores infatigaveis lhe pedia outros trabalhos, o facto é, que aborrecido dos dissabores da côrte, eil-o que se embarca para a ilha de S. Miguel em 1847.

VI

Não sabemos bem quaes fossem os motivos que levaram Antonio Castilho a atravessar o oceano, e ir assentar residencia, n'aquella perola do Atlantico, n'aquelle jardim do mundo, como lhe chamou o imperador-rei D. Pedro IV.

A amenidade e vigor d'aquelle abençoado torrão, a docilidade e lhaneza dos insulares, o natural facil á disciplina d'aquelles descendentes dos portuguezes, robustecidos por uma natureza forte, impregnada dos vapores vulcanicos e da bafagem dos mares, devia prometter-lhe uma distracção necessaria no meio de tantos azares e tantas contrariedades.

Castilho não socegou porém; aproveitando as magnificas disposições dos que o cercavam encetou uma nova phase da sua evangelisação.

Começava a sua vida litteraria no descuido, e devaneio das musas, cantando o que não via, e dedilhando ao acaso no alaude rico de sons, mavioso de accordes, scintillante de tons variados; empenhára depois a tuba de Caliope e em poesias formosas cantára os heroes, o amor, ou o ciume. Varão feito variara de vereda, e entrára o adito do templo da evangelisação pelo periodicismo.

D'aqui ao apostolado da instrucção com todo o vigor, toda a ancia que punha em tudo, ha só um passo.

E deu-o.

Encontra alli uma sociedade em via de robustecimento, a *sociedade promotora de agricultura*, n'ella abre conferencias que tendem a derramar entre os insulares o gosto do sabor. A convite d'essa sociedade redige o *Agricultor Michaelense*.

Funda em seguida a *sociedade dos amigos das lettras e artes*, e escreve um dos seus bellos livros *A Felicidade pela agricultura*.

Não pára n'isto a sua actividade. Compõe alli os *Tratados de mnemonica* e de *metrificação*, e outros. Ahi produz aquelle trabalho *liberrimamente* fundado sobre um trama francez, que se intitula *Estudo historico-poetico de Camões*, que é um drama com defeitos, mas que tem em alto grau o culto do grande cantor, e da lingua que que elle poliu e enriqueceu. Eruditos houve que tomaram uma parte d'esse drama, por producção do seculo XVI, e effectivamente tem assaz geito d'isso.

Ahi começa a grande campanha a favor da instrucção da infancia, escrevendo livros, fundando e dirigindo escolas, combatendo a todo o transe, e até ás vezes com exaggero e excesso de phrase, os que só opunham a esta obra, talvez a maxima da sua vida, em que elle empenhou tempo, trabalho, estudo, reflexão, pratica, exercicio e combate.

O methodo primeiro chamado de *leitura repentina*, e depois *Methodo portuguez-Castilho*, nasceu em S. Miguel.

O germen vinha de longe, mas alli tomou fórma, lançou raizes, bracejou em ramaria viridente, brotou em flôr e fructos nutritivos, e produziu muito, como ainda hoje o sabe muita gente n'esta terra.

(Continua) *J. B.*

OS CONFIDENTES

(Concluido do n.º 226)

Na caixa de Bernardo já não havia nenhuma carta. Na caixa de Helena restava apenas uma, que Thereza ia começar a lêr, quando o criado appareceu á porta da sala com a bandeja do chá.

Helena propoz que se suspendesse a leitura.

Em quanto o chá se servia em volta da meza, Jorge distrahidamente olhou em frente para o espelho. N'esse instante, o Amor de bronze que se levantava sobre o mostrador do relogio, aquelle encantador cherubim de cabellinhos doirados, teve um sorrisinho mais malicioso. Jorge reparou com mais insistencia; mas no fundo claro do espelho,

que ficava sobre o fogão, uma figura appareceu de repente, e o seu olhar encontrou-se um instante com os olhos de Thereza, que brilharam apenas n'uma passagem rapida!

Logo que o chá terminou, e o criado sahiu da sala, Helena preparou-se para lêr a ultima carta de Bernardo.

Jorge tornou a olhar para o espelho, e viu que o Amorsinho de bronze continuava a fital-o, sorrindo sempre, mais malicioso e mais encantador!

Meu caro Jorge.

Eu só queria poder metter dentro d'esta carta todo o carrilhão de Mafra, para te ir acordar com um repique de festa!

Vou casar, Jorge! Percebeste bem: vou casar! Dá a todos os nossos amigos um abraço e essa noticia; e auctoriso-te a mostrar a minha carta a algum mais sceptico que te não acredite. Vou casar!

É tão extraordinaria a minha felicidade, que preciso de te repetir muitas vezes esta phrase. Vou casar!

Eu bem sei que isto é uma surpreza que te faço, depois da ultima carta que te escrevi, lugubre e triste como um tumulo! Não tive coragem de te escrever no dia seguinte, como tinha promettido. Eu andava tão furioso, tão triste e sobretudo tão desvairado, que nem mesmo sei o que fazia!

Agora, já tu pódes calcular as coisas que se teem passado aqui! Parece-me que morria de desespero, se não tomo uma resolução definitiva. Levantei-me ante-hontem com esta idéa fixa: ir pedir Helena em casamento.

E se me recusar? pensei eu. Para esta hypothese carreguei um revolver e colloquei-o sobre uma commoda, para o ter á mão, logo que voltasse da Ribeira.

Quando entrei em casa do Meirelles, disse-me o criado que a Helena andava a passeiar na quinta com a tia Dorothéa.

Fui logo procural-a; e, quando ia a entrar na rua das tilias, avistei ao fundo a boa tia Dorothéa, sentada n'uma cadeira de vime, com as costas voltadas para mim. Caminhei lentamente, sentindo uma oppressão dolorosa que me abafava. Resolvi metter por uma pequena rua latteral que vae dar ao lago; mas, apenas entrei n'esta rua, percebi Helena á distancia. Vinha encantadora, Jorge! Trazia um vestido claro côr de creme guarnecido de rendas cruas. Um guardasolinho de seda, forrado d'escarlate, apoiado sobre o hombro, abrigava-lhe a cabeça, dando um grande realce á brancura da sua pelle.

Parece-me que empallideceu, quando deu com os olhos em mim! Qando eu, fazendo um esforço immenso, me dirigi para ella, e lhe apertei a mão, os seus olhos encheram-se de lagrimas. Pude apenas beijar-lhe a mão, que ella me abandonou fria e tremula, e pedir-lhe que me perdoasse. O seu rosto cobriu-se com um ligeiro rubor, e sorriu-se.

Ah! Jorge, tu não pódes imaginar o que se passa no coração d'um homem, n'estes momentos d'um prazer innefavel! O mundo para mim resume-o aquella santa do meu amor!

Trocamos algumas palavras mais, e dirigimo-nos para perto da tia Dorothéa, que ficou pasmada de me vêr.

Estavamos todos tres a conversar, quando o Meirelles chegou junto de nós. O que elle me disse a respeito da minha ausencia! Perguntei-lhe se se lembrava da primeira vez que nos encontramos na aldeia, e do que me disse, que não admittia etiquetas.

— Perfeitamente. E a que vem isso?

— Vem que...

Olhei para Helena, e vi-a baixar os olhos, e tremer.

Enchi-me de coragem, e terminei a phrase. Pedi a Meirelles a mão da filha.

Elle abraçou-me a chorar!

— Vocês — dizia elle, enxugando os olhos — preparam estas coisas á traição, e depois atiram com ellas assim á queima-roupa!

A tia Dorothéa tinha deixado cahir o jornal que estava lendo, e ficou attonita durante alguns minutos.

— Em nome do Padre, do Filho — dizia ella, persignando-se espantada — e do Espirito Santo! Então, a tal filha do visconde de S. Mauricio tão linda, tão prendada!...

Helena sorriu-se, ouvindo a tia.

O padre-capellão appareceu ao fundo da rua com o breviario debaixo do braço.

O Meirelles chamou-o de longe.

Quando elle chegou perto de nós, perguntou-lhe a tia Dorothéa:

— Ó padre Joaquim! O padre Joaquim sabe casar?

— Se sei o quê, minha rica senhora?

— Se sabe casar dois noivos?

O padre não respondeu, olhando para todos nós com os olhos muito abertos. Ao vêr o sorriso alegre do Meirelles e da filha, abanou affirmativamente a cabeça, e exclamou:

— Já percebo, sr.ª D. Dorothéa. Eu logo o futurei, da primeira vez que este senhor por cá veiu.

E abraçou-me.

Meu Jorge, prepara-te para vires abraçar o homem mais feliz que a luz do sol allumia.

E o que eu me ria do amor!...

Teu
Bernardo.

Quando Helena leu a ultima phrase, Jorge olhou para o relogio do espelho. O pequenino Amor sorria mais malicioso; e, como, de repente, principiassem a dar horas, aquelle mesmo som metallico, repetido onze vezes, parecia uma grande risada infantil!...

* * *

O anno passado, recebi na provincia uma carta de Jorge, que dizia assim:

«Se já acabaste o romance, que tencionavas fazer, com as cartas que a Helena escreveu á Thereza e que o Bernardo me escreveu a mim, pódes accrescentar um capitulo, dizendo:

Tres mezes depois da leitura das cartas dos confidentes, Jorge pedia Thereza em casamento.

Termina o teu livro, e vem dar-me um abraço, para vêr se me segues o exemplo, solteirão relapso.

Teu
Jorge.

Declaro que ainda não segui o exemplo edificante dos meus amigos.

Alberto Braga.

RESENHA NOTICIOSA

Guerra franco-chineza. Confirma-se a noticia do tratado de paz entre a França e a China. As hostilidades cessaram em todo o Tonkin e as tropas chinezas vão evacuar aquella parte da China. As forças francezas conservam-se ao abrigo de qualquer surpreza. O general De Négrier está quasi restabelecido dos ferimentos que recebeu. Em França tomou a presidencia do novo gabinete o sr. Henri Brisson, e do ministerio dos estrangeiros o sr. Freycinet. Este governo, composto de diversas facções republicanas, não offerece solidez e todos o consideram como um governo de transição. As camaras foram encerradas para se abrirem em 4 de maio.

Questão anglo-russa. Apesar de todas as affirmações pacificas da Russia em resposta ás interrogações da Inglaterra sobre a attitude das forças russas na fronteira do Afghanistan, é certo que os russos se apossaram das duas margens do Kushk e de Pendjeh, depois de uma batalha em que os afghans perderam 500 homens, mortos pelos russos. Entretanto affirma-se que isto não impedirá a continuação das notas diplomaticas trocadas entre o gabinete de S. James e o de S. Petersburgo no sentido de evitar uma guerra em que o vencedor, fosse qual fosse, ficaria prejudicado. Parece, porém, que esta guerra terá de se fazer mais tarde ou mais cedo, porque está no pensamento da politica russa o apoderar-se de toda a Asia.

Expedição portugueza ao Muata Ianvo. Alcançam a 16 de fevereiro as noticias recebidas d'esta expedição. O major H. de Carvalho conservava-se com a sua gente na margem do Quango, indo partir em direcção ás terras do Muata. Para emprehender esta marcha, dividirá a expedição em dois grupos, um dos quaes seguirá pelos territorios do Nozovi, e o outro pelo Shinge. No ponto marcado para se reunirem tenciona o sr. Carvalho fundar uma estação, que denominará Cidade do Porto.

Monumento a Victor Manuel. A 22 de março findo, foi lançada a pedra fundamental do monumento que vae ser elevado na colina do Capitolio, em Roma, ao primeiro rei de Italia. Sobre o monte levanta-se uma torre quadrada, menos alta que a do Capitolio, e que faz parte do Convento d'Aracœli, occupado pelos franciscanos. Gosa-se d'esse ponto uma vista explendida, a cidade é completamente dominada por elle; é precisamente n'esse local que o monumento se ha-de erguer. Subir-se-ha para elle por uma grande escada, que irá desde o Corso; todas as casas que ficam entre esses dois pontos serão demolidas, a maior parte d'ellas, aliás, já se acham expropriadas. Ha uma parte do palacio de Veneze que orla a rua *della Ripresa dei Barberi*, mais moderna e mais baixa que a outra parte, a qual tambem precisa ser expropriada, para o que o governo se acha em principio de transacção com o da Austria. A cerimonia foi imponente; assistiram os reis de Italia, a côrte, todas as auctoridade civis e militares, senadores, deputados e um concurso de povo immenso. O presidente do concelho, sr. Depretis, pronunciou um discurso impregnado do mais elevado patriotismo, a que lhe davam inspiração as recordações da antiga Roma, e as aspirações da moderna.

Kermesse ingleza. No dia 15 do corrente inaugurou-se no salão do theatro da Trindade um bazar de prendas em beneficio da escola ingleza da egreja dos Ciprestes e do gabinete de leitura junto ao hospital inglez, em Lisboa. O salão da Trindade transformou-se em uma vistosa kermesse, composta de pequenas barracas de muito bom gosto e onde senhoras da colonia ingleza, vendiam sortes. Estas barracas pertenciam ás seguintes damas e cavalheiros. Das familias Pinto Basto e Garland, onde se via uma aguarella do principe D. Carlos, os desenhos e os pratos de miss Lucy Constance, miss Alice Pinto Basto e Gayri, e um prato com uma moldura de madeira e bronze, offerecido pelo sr. Alfredo Anjos; do consul inglez onde vendiam mr. Brackembury e mr. Campbell; de mr. Pope, onde vendiam miss C. Durand e miss Moller; de mr. S. Bucknall e mr. Albert de Mascarenhas, etc. Havia um bello buffete. No palco do salão via-se a instalação da familia Whelhouse, e na galeria tocava a banda dos marinheiros da armada. Algumas creanças vendiam sortes pelo salão. Esta festa durou tres dias e concorreu a elle a elite da sociedade lisbonense.

Outra Kermesse. A cidade de Lisboa desentranha-se em festas de beneficencia, acudindo a todas as miserias e a todas as instituições que tem por fim prevenir essas miserias. No dia 19 do corrente uma grande concorrencia de povo se dirigia para o Passeio da Estrella, ao appelo que uma illustre commissão de senhoras e cavalheiros lhe fazia, offerecendo-lhe uma explendida kermesse em beneficio do Asylo das Raparigas Abandonadas. O jardim estava todo embandeirado e o batalhão das escolas municipaes fazia a guarda de honra. Duas grandes barracas que já figuraram na kermesse da tapada da Ajuda viam-se na rua principal. Estas barracas eram cobertas por grandes toldos com guarnições recortadas e sustentados por varas ornadas em fórma de lança, produzindo muito bom effeito. Além d'estas haviam duas mais pequenas destinadas á venda de flôres e impressos. Vendiam sortes as ex.mas sr.as marqueza de Sabugosa e filhas, viscondessa dos Olivaes e filha, viscondessa de Valbom e filhas, baroneza Greindl e filha, condessa de Sabugosa, D. Maria Amalia Vaz de Carvalho, D. Maria Domingas Belmonte, D. Christina Mouró, D. Alice Mouró dos Anjos, D. Maria da Assumpção Pessoa de Amorim, D. Luiza d'Almeida Albuquerque, D. Maria Francisca de Menezes e D. Eugenia de Menezes, etc., etc.

Conde de Penha Firme. Com cerca de 95 annos de idade falleceu este velho marinheiro, o decano da marinha ingleza e vice-almirante reformado da marinha portugueza Jorge Rosse Sartorius, visconde da Piedade e conde de Penha Firme, nasceu a 9 de agosto de 1790, os seus serviços prestados á liberdade de Portugal merecem menção especial, o que faremos oportunamente.

PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

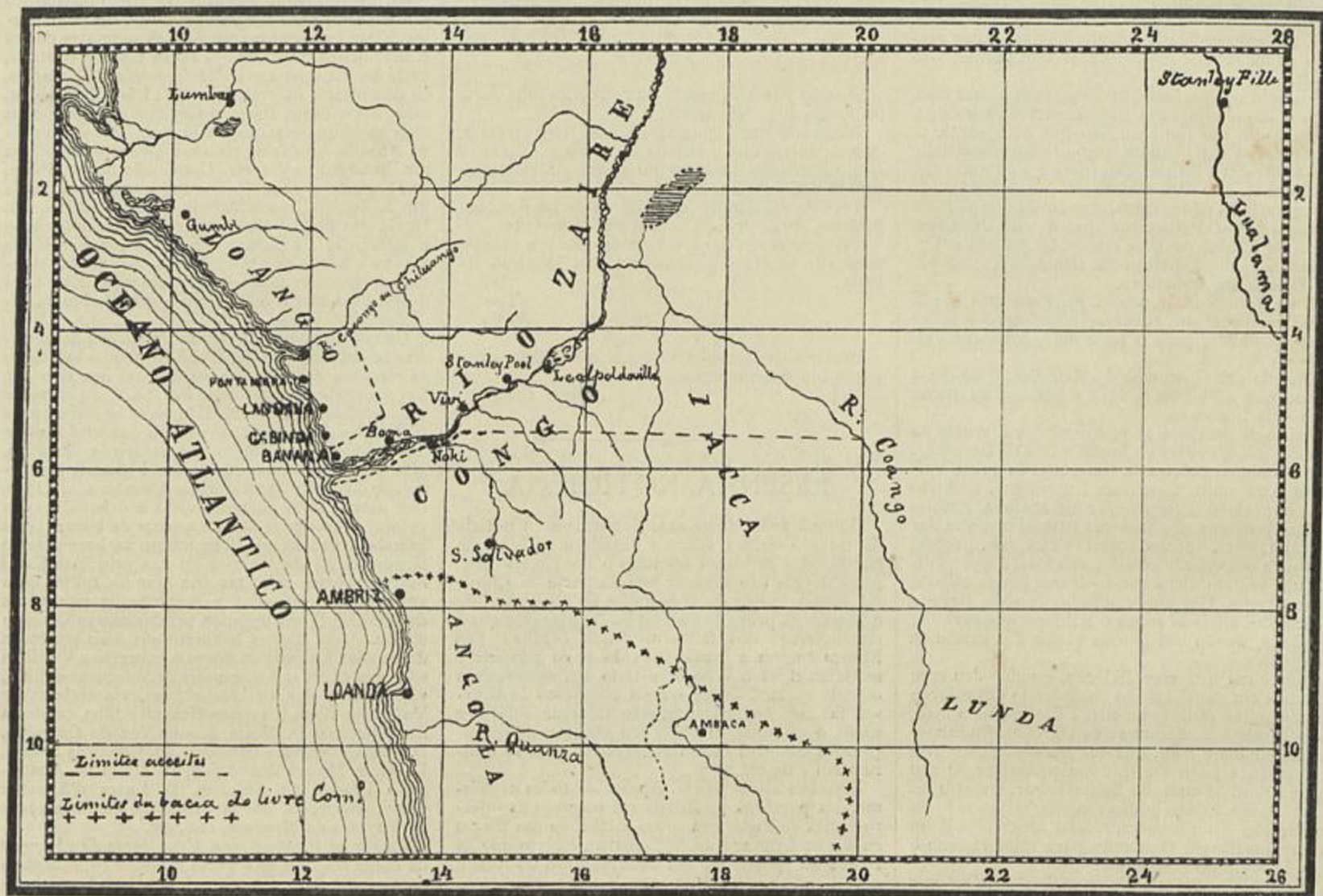
Historia da Administração Publica em Portugal, nos seculos xii a xv, por Henrique da Gama Barros, tomo i de 650 paginas, Imprensa Nacional, 1885, Lisboa. As investigações historicas sobre Portugal, tem-se ido pouco a pouco completando nas suas differentes ramificações, encontrando alguns homens com vontade e dedicação patriotica, que não tem duvidado empregar o tempo a revolver archivos, a manusear codices, em procurar pacientemente documentos raros descobrindo muitos ignorados ou esquecidos, e juntando todos estes elementos, reconstruirem a historia do passado em livros que facilmente poderão ser lidos e consultados, com grande aproveitamento para a illustração publica. O trabalho giganteo iniciado entre nós por Alexandre Herculano, tem encontrado seguidores que, com mais ou menos criterio, preserverança e consciencia, tem proseguido no nobre empenho de completar a historia patria.

O livro do sr. Gama Barros que nos suscita estas reflexões, vem, sem duvida, completar uma das phases da historia portugueza que mais importa conhecer. A *Historia* do sr. Gama Barros é um trabalho tão completo quanto se póde exigir n'esta especialidade em que, cada dia, os que andam empenhados em investigarem o passado, descobrem novos documentos que invalidam ou ampliam outros já encontrados. E' enorme o trabalho que representa esta obra, em que o seu auctor teve de consultar tudo quanto se achava disperso por muitos livros, de vêr grande somma de documentos da mais remota data, e reunindo tudo, fazer a *Historia da Administração Publica em Portugal nos seculos XII a XV*, livro importante quer como trabalho de investigação, quer como trabalho litterario.

Boletim da associação dos jornalistas e escriptores portuguezes, 2.º anno, n.º 6 e 7. Contém estes fasciculos além de outros artigos, os Estatutos reformados da associação, que contém o 7.º

Elementos para a historia do municipio de Lisboa, pelo sr. Eduardo Freire de Oliveira. Comprehende o extracto de documentos desde 1563 até 1572, começando a impressão na integra da Carta Regia que approvou a instituição da procissão da Senhora da Saude, á qual está exposta uma larga nota explicativa d'essa instituição, modificações e alterações porque tem passado, até ter sido da direcção da camara, para a das irmandades de Nossa Senhora da Saude e de S. Sebastião dos artilheiros.

Resposta á sociedade anti-escravista de Londres, por J. A. Corte-Real... Lisboa, Typographia de Christovão Augusto Rodrigues, 104, rua do Norte, 1884; 4.º de 23 paginas. Este opusculo, que agora recebemos, e cuja importancia em tempos anteriores á reunião da conferencia de Berlim, fôra muito grande, perdeu toda a sua oportunidade, para ficar subsistindo com o fundo de justiça que o domina, como protesto e refutação das insanias ou velhacarias da tal sociedade anti-escravista de Londres, dos Brigths, Mayos e quejandos. Veremos agora quem são os escravistas.

Bibliotheca do povo e das escolas. David Corazzi, editor... Administração, 40, rua da Atalaya, 52, Lisboa; filial no Brazil: 38, rua da Quitanda, Rio de Janeiro. 5.º anno, decima terceira serie; n.º 101, *Historia contemporanea*. Havia alguns reparos a fazer, mas não podemos passar sem dizer que não foi a offensa dos miguelistas

Limites portuguezes, no Congo, acceites na conferencia de Berlim e limites do livre commercio — (Vid. artigo "Conferencia de Berlim„)

contra alguns francezes que em Lisboa festejavam o movimento de julho, o principal motivo que indispoz o gabinete de Paris com Portugal, e fez entrar no Tejo a esquadra franceza, mas sim a condemnação imposta ao francez Rouhome (que até foi açoutado) por ter com alguns estudantes na Sé de Coimbra commettido os maiores desaforos, e attentados contra a moral. Basta lêr o ultimatum, nota ou como lhe queiram chamar do almirante Roussin.

A Jurity, romance original por Alfredo Campos, Eduardo da Costa Santos, editor, Porto, 1885. O já bem conceituado editor portuense, sr. Eduardo da Costa Santos, que tem publicado os ultimos trabalhos litterarios do sr. Camillo Castello Branco e outras obras importantes, taes como: *Quatro dias na Serra da Estrella*, do sr. Emygdio Navarro; *As grandes epochas da historia universal*, do sr. Consigliere Pedroso; dois livros do sr. Fernando Leal; e ultimamente *A filha do Cabinda*, do sr. Alfredo Campos; acaba de dar á luz *A Jurity*, do mesmo auctor, romance de perto de 300 paginas, nitidamente impresso, como são todas as obras de que é editor o sr. Santos, que timbra em seguir os exemplos do sr. Ernesto Chardron que enriqueceu a litteratura nacional com os trabalhos litterarios de alguns dos nossos primeiros escriptores. *A Jurity* é um romance de enredo simples, escripto em linguagem despretenciosa, mas correcta; procurando evitar os escolhos das duas escolas extremas; a que só procura situações violentas para os seus personagens, a troco da verdade; e a que de um arido *realismo*, antithese da arte, se inspira, reproduzindo no livro as scenas mais treviaes da vida ordinaria. O auctor da *Jurity* não é um sectario de Ponson du Terrail, e, menos ainda, um adepto de Zola. Na dedicatoria, em verso, que o sr Alfredo Campos faz do seu livro a sua esposa, e a seus filhos, lê-se:

> Nos dias de labor, nas horas de cançasso
> De vós sómente veiu a doce inspiração.

Esta singela declaração basta para tranquilisar a consciencia do leitor, que quizer deleitar-se sem receio de encontrar o aspide occulto entre as flores. Com effeito, a *Jurity*, é um romance honesto, de pouco movimento se quizerem, mas que se deixa ler agradavelmente; que não preverte, que não empeçonha ninguem. Dois outros livros tem o sr. Alfredo Campos a entrar no prélo, e são: *A enxada*, e o *Pai José*, o que denuncia da parte do auctor um grande amor ao trabalho, sabido como é o pouco estimulo que as lettras tem em Portugal, onde o mercado, já de si escasso tem ainda a restringil-o o jornal, leitura quasi exclusiva da nossa gente.

O Industrial Portuguez, proprietario e directores, Carlos A. dos Santos Affonso e Augusto C. C. Moraes, Porto; n.º 4 de 1 de abril. Não podemos deixar de chamar a attenção dos industriaes portuguezes para este periodico que tanto os deve interessar, porque o *Industrial Portuguez* propõe-se a ser orgão da industria portugueza, e n'esse sentido franqueia as suas columnas a todos os industriaes que n'ellas queiram dar noticia das suas producções, das suas descobertas, e aperfeiçoamentos, sobre interesse da sua industria em particular ou da industria em geral. São muitas as publicações que no extrangeiro se fazem n'este genero, e são grandes os serviços que prestam á industria, como meio de vulgarisação. Em Portugal muito estimavamos vêr prosperar uma publicação assim, porque isso não só demonstraria que tinha leitores, mas ainda mais, que tinhamos industria.

Typ. Elzeviriana — Praça dos Restauradores, 50 a 56 — Lisboa.